

LIVROS

As vozes do exílio

Maria José de Queiroz analisa literatura do desterro de Ovídio a Nabokov

RINALDO GAMA
especial para a Folha

Num século que produziu exilados em quantidades alarmantes, é compreensível que muitas vezes se perca de vista a real condição do exílio: longe de ser um fenômeno contemporâneo, ele está na raiz de algumas idéias sobre a própria origem da humanidade. Humano, demasiado humano, o exílio alcançamos os maiores personagens, de diferentes tradições. Bastaria citar os bíblicos Adão e Eva ou o mitológico Édipo ("O mito narra como uma realidade passou a existir", ensina o romeno Mircea Eliade).

Espécie de mal congênito aos homens, era natural que o degredos sensibilizasse escritores — sobretudo quando eles mesmos se tornavam vítimas de banimentos concretos. Autores desterrados esuas "canções do exílio" dão corpa

"Os Males da Ausência", da escritora Maria José de Queiroz, 62, doutora em letras e professora aposentada pela Universidade Federal de Minas Gerais, ex-professora associada

da Sorbonne e ex-professora visitante da Universidade de Indiana (EUA). O livro, menos ambicioso do que pode parecer à primeira vista, representa uma empresa intelectual de fôlego, que insere a ensaística nacional num debate que mistura intolerância, sofrimento, nacionalismo (às vezes até provincialismo) e, é claro, prazer estético.

Durante sete anos, Maria José de Queiroz seguiu a pista de escritores exilados, principalmente em bibliotecas dos Estados Unidos, França e Alemanha. O resultado, um alentado volume de mais de 700 páginas repletas de notas e de rodapé, vai da Antiguidade ao final da Segunda Guerra — alertando, porém, o leitor de que, mesmo dentro desse vasto período, não esgotase o objeto de estudo.

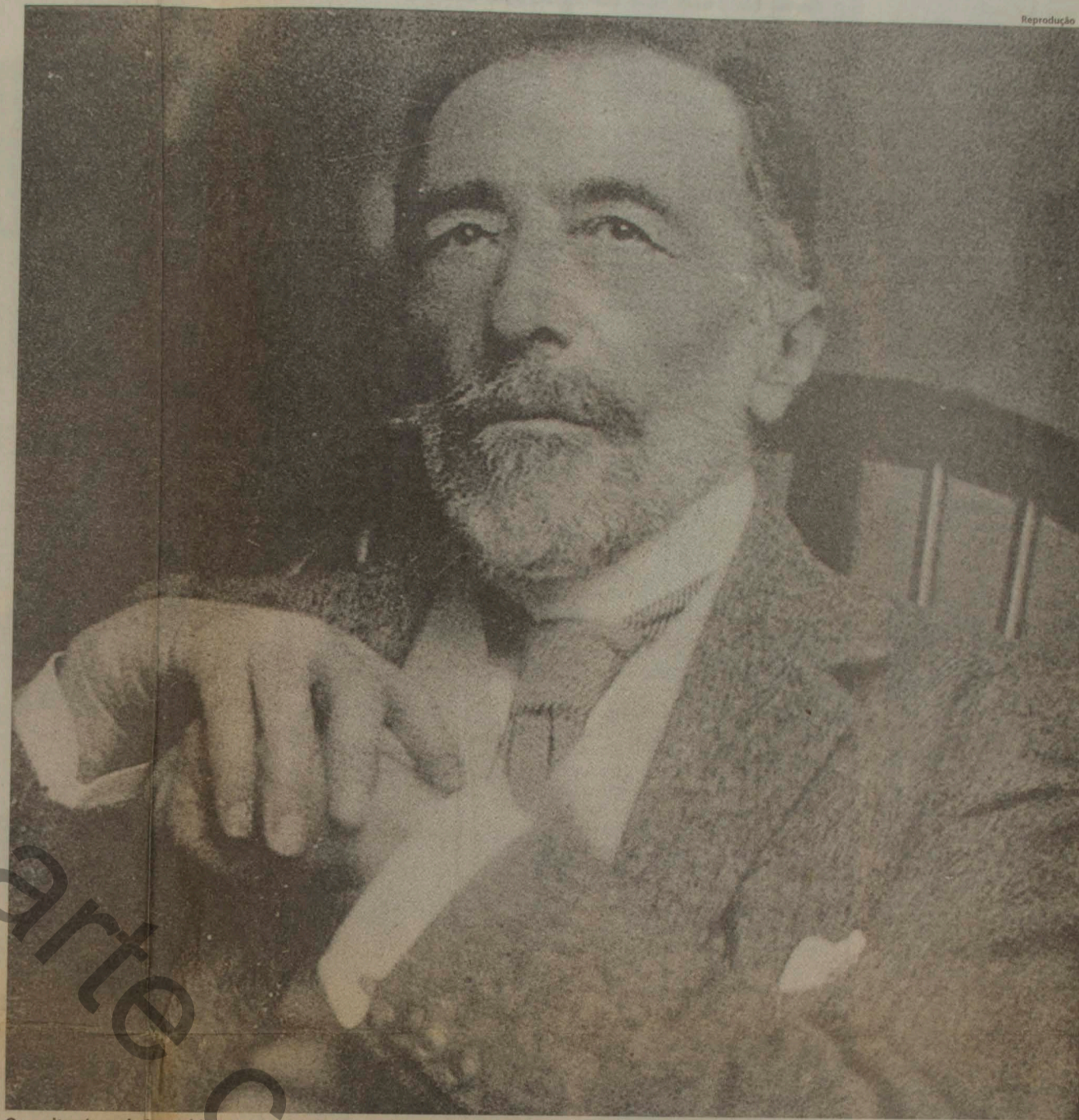
Diante da certeza de que o tal objeto, em sua totalidade, "saltaria

sempre fora" (exílio, ex salire) de seu alcance, a autora estabeleceu, digamos assim, cânone de exilados. Do romano Ovídio — confinado à região bárbara do Mar Negro sob a acusação de ter sido amante da filha do imperador Augusto, uma suposta ninfa de 14 anos de idade — ao russo Vladimir Nabokov, que trocou o seu país pelos Estados Unidos e se tornou um dos maiores ficcionistas de língua inglesa do século 20, "Os Males da Ausência" faz um recorte amplo da história da literatura universal. Entre o autor de "Tristes" e o de "Lolita", romance no qual, aliás, surge pela primeira vez o termo "ninfeta", aparecem Dante, Camões, Victor Hugo, Conrad e Joyce, para mencionar apenas alguns nomes. Vítimas de regimes autoritários, como o nazismo e o stalinismo, também encontram espaço no cânone de Maria José de Queiroz.

É natural que o leitor se pergunte por que a autora interrompeu seu estudo em 1945, deixando de fora ditaduras proliças em matéria de exilados, como a cubana (instaurada em 1959) e as militares que tomaram conta da América do Sul entre os anos 60 e 70 — disse decorrendo que os desterrados brasileiros só apareceram na dedicatória do volume.

A ensaísta argumenta que não avançou em sua análise porque haveria hoje uma mudança na atitude dos banidos: em vez de voltar às suas terras de origem, redemocratizadas, eles estariam preferindo continuar nos países que adotaram. Se isso vale para diversos casos, não se pode falar que essa seja a única categoria remanescente de degredados. Maria José de Queiroz admite a nuance e informa: pretende escrever um novo livro tratando do assunto, a partir do tema geral do nacionalismo. Ao leitor de "Os Males da Ausência" restaria esperar.

Quanto aos escritores brasileiros, a autora afirma que pouco pro-



O escritor Joseph Conrad (1857-1924), autor de, entre outros, "Lord Jim" e "Nostromo"

duziram nesse campo (nenhuma palavra sobre qualidade). Outro problema: os livros deixados por eles não conteriam elementos suficientes para o diagnóstico do "mal do exílio". Nem mesmo o "Poema Sujo" (1976), de Ferreira Gullar? Indagada a respeito, Maria José de Queiroz diz outra vez que prefere guardar o que coletou nesse terre-

ço para um trabalho posterior, que trataria "de diferentes exílios, como o dos mineiros no Rio e dos nordestinos em São Paulo". Ao leitor de "Os Males da Ausência" restaria esperar.

É possível que estas últimas colocações soem um tanto ufanistas — e há poucas tolices que se igualem ao ufanismo. Não se trata disso. O

que se quer ressaltar é que o Brasil também tem o seu lugar, inclusive no papel de hospedeiro de intelectuais exilados, na literatura do desterro (uma boa referência, diga-se de passagem, para um melhor entendimento da história recente do país). Como um ensaio, tomado em seu próprio conceito, é apenas uma "aproximação", a autora de

"Os Males da Ausência" pode sustentar, com razão, que cumpriu seu objetivo — mas o tema, sem dúvida, reclama outras obras.

Rinaldo Gama é professor no departamento de Comunicação Jornalística da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), editor executivo dos "Cadernos de Literatura Brasileira", do Instituto Moreira Salles. É autor de "O Guardador de Signos-Caerem em Pessoa" (Perspectiva/IMS).

Um itinerário das artes plásticas

RÉGIS BONVICINO
especial para a Folha

Obras reúnem telas e gravuras de Fiaminghi e Evandro Carlos Jardim



"O Cavallo Morto Está Só" (1970), gravura de Evandro Carlos Jardim

"Hermelindo Fiaminghi", de Isabella Cabral e M.A. Amaral Rezende, e "Evandro Carlos Jardim", de Yvoty Macambira, pertencem à coleção "Artistas Brasileiros", da Edusp, que, com a série, procurará fixar o perfil de artistas plásticos, poetas e dramaturgos que atuaram no século 20. A iniciativa não se limita a autores já mortos, como o poeta Jorge de Lima ou Lasar Segall, mas se estende a criadores vivos, como Fiaminghi e Jardim, os dois ainda marcados pela coincidência da "paulistanidade": sim, nasceram em São Paulo e fizeram dela referência universal, em seus trabalhos.

Não só São Paulo os une — num "cotejo" que revela mais diferenças do que semelhanças —, mas também o fato de terem iniciado seus itinerários como "gráficos" — Fiaminghi como litógrafo, cronista, e Jardim com a gravura em metal (à qual se mantém fiel, com intervalos reservados à pintura e escultura, até hoje). As bienais de arte foram também estímulos para a carreira de ambos, que, ao contrário dos artistas mais jovens, pouco saíram do Brasil no período, digamos, de formação. Os dois representam, de algum modo, o embate entre "figuração" (Jardim) e "não-figuração" (Fiaminghi).

Segundo Yvoty Macambira, as bienais serviram "para fomentar as paixões com argumentos

queiram se estender até a década de 60". Ela está correta ao observar que "as tendências não-figurativas foram as vertentes para onde se inclinou grande parte de nossos artistas (...). No âmbito nacional, destacava-se o movimento-concreto, que vinha se consolidando desde os anos 40, reforçando experimentações com as formas não-figurativas". É com esta corrente que se forja o trabalho de Fiaminghi e é, em oposição a ela (não beligerante) que se firma Jardim como gravurista, técnica então (dos anos 50 em diante) considerada, por assim dizer, ultrapassada. A gravura foi sempre pouco explorada no Brasil. Oswaldo Goeldi (1895-1961) foi o seu pioneiro. E agora Jardim, grande mestre nesta arte, numa perspectiva também decerto modo expressionista.

O volume de Isabella Cabral e M.A. Amaral Rezende é quase uma recuperação da obra de Hermelindo Fiaminghi — este "publicitário" que soube superar o geometrismo estrito (linha, espaço e cor) do movimento concreto para, a partir de 1958, recusando a "pop art", entre outras, se afirmar como um dos mais originais pintores do Brasil, com sua "corluz". As quase-formas, quase-cores que, explorando a técnica das retículas da fotografia, se impõem às telas a óleo. Não sem razão Fiaminghi foi amigo de Alfredo Volpi, com quem pôde aprender não só a criar sua própria tinta, mas a se voltar para a pintura, de modo menos "datado"

emais essenciais.

O rompimento com o grupo concreto de pintores (e não de poetas, com os quais manteve amizade e diálogo), liderado por Waldemar Cordeiro, em 1958, com "Os Virtuais", se revelou, ao longo dos anos, pleno, com trabalhos de primeira linha como "Reticula CorLuz", de 1978, ou, entre tantos, a "Despachagem Reticula CorLuz".

AS OBRAS

Evandro Carlos Jardim - Yvoty Macambira. Edusp (av. Prof. Luciano Gualberto, 374, 6º andar, CEP 05508-900, SP, tel. 011/813-8837). 256 págs. R\$ 40,00.

Hermelindo Fiaminghi - Isabella Cabral e M.A. Amaral Rezende. Edusp. 190 págs. R\$ 30,40.

, de 1985.

Essas séries — definidas por Isabella e Amaral Rezende como de composição física da cor, entre o projetado e o improvisado — mostram como Fiaminghi sintetizou, de modo próprio, traços do impressionismo — que negava com o movimento concreto — com técnicas mais contemporâneas, como as da fotografia. A cor extraiada do interior das cores, sem limites geométricos, intensas, registrando aspectos pouco aparentes da natureza, fazem de Fiaminghi, entre Volpi e Claude Monet — para além deles — um marco. Décio

Pignatari, no belo poema "Fialuz", o capta de maneira precisa: "Pode acontecer com qualquer um — mas, em Fiaminghi a tela é ela e toda e qualquer coisa que não ela, desde que cor e luz...".

Evandro Jardim é um desses casos raros e bem-sucedidos em que a fidelidade a técnicas até certo ponto obsoletas é mera estratégia para a criação de obra singular. Não o veio, com Macambira, como integrante de um movimento de revalorização dos meios tradicionais, mas como alguém que se valeu desses meios de forma original. A gravura em metal com ele atingíveis de precisão e dramaticidade pouco vistos, como no trabalho "Sem Título 4", de 1988, no qual um círculo flutua ao escuro, à beira de uma tela-janela, ou, também entre tantos, como em "Sem Título 59", de 1971, em que corpos humanos parecem pendurados em postes, como se eletrocutados, e vigiados de longe por homens no topo de uma montanha.

Um dos muitos aspectos interessantes deste livro é o de revelar ao leitor como Jardim — um professor, além de artista — construiu sua poética (ou como desenvolveu um método), partindo do uso rigoroso de uma técnica e de anotações, sem muito esforço, lembrando poemas: "O círculo/ envolvendo/ a árvore/ O círculo/ envolvendo/ as estrelas/ guardando".

Régis Bonvicino é poeta, autor de "Ossos de Borboleta" (Ed. 34) e "Outros Poemas" (Iluminuras).